

ARTIGOS

## PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: NOVOS CAMINHOS, DIFERENTES POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marília Salles Bastos<sup>1</sup>

Doris Pires Vargas Bolzan<sup>2</sup>

Giovana Medianeira Fracari Hautrive<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo é o resultado do trabalho desenvolvido junto aos estudos do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: Educação Básica e Superior (GPFOPE) por meio do projeto Cultura Escrita: Saberes e Fazeres Docentes em Construção vinculado à Universidade Federal de Santa Maria. As atividades deste projeto uniram-se ao Programa Mais Educação com o intuito de desenvolver atividades diversificadas de leitura e escrita na Oficina de Letramento. Como objetivo geral, buscamos compreender as concepções docentes acerca do Programa Mais Educação e reconhecer como as atividades da Oficina de Letramento repercutem na aprendizagem da lectoescrita em crianças do 1º ciclo de alfabetização do ensino fundamental. Assim, o estudo foi organizado de modo a sustentar teoricamente as análises nas discussões sócio-históricas, utilizando os documentos que fundamentam o Programa Mais Educação. A metodologia que escolhemos para desenvolver a pesquisa é a abordagem qualitativa de cunho etnográfico, utilizando os diários de aula e a entrevista semiestruturada como instrumentos de coleta dos dados. Nos achados da pesquisa, evidenciamos como categoria de análise o Programa Mais Educação: novos caminhos, diferentes possibilidades, constituída pelo conhecimento docente sobre o Programa, que caracteriza-se pela forma como as professoras e a monitora foram apresentadas a ele. Esses conhecimentos foram fundantes para a nossa análise na medida em que evidenciamos que as concepções das profissionais dependem deles. Ainda observamos como as professoras compreendem a dinâmica dos circuitos de jogos e atividades diversificadas, o que nos auxilia a verificar como elas concebem essa dinâmica no contexto do 1º ciclo no que se refere ao desenvolvimento da lectoescrita no período da alfabetização. Concluimos com nosso estudo que o Programa Mais Educação não está incluído no contexto escolar. Para que isso ocorra, é importante que sejam propostos momentos de socialização do trabalho realizado no Programa, que se fomente a formação e o estudo de temáticas e conceitos para que professoras e monitores possam visualizar as contribuições desse trabalho para seus estudantes e para toda a comunidade escolar, pois o Programa Mais Educação deve fazer parte do contexto da escola e precisa ser considerado dessa forma.

**PALAVRAS-CHAVE:** Programa Mais Educação; Concepções Docentes; Alfabetização.

1 Pedagoga; acadêmica do Curso de Educação Especial (CE/UFSM), bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq; acadêmica do curso de Pós-Graduação em Gestão Escolar (IFF Campus Júlio de Castilhos); integrante do Grupo de Pesquisa GPFOPE da UFSM. E-mail: mariliasb.18@gmail.com

2 Professora associada do Departamento de Metodologia do Ensino e do PPGE/CE/UFSM; Pesquisadora Produtividade do CNPq; Líder do Grupo de Pesquisa Formação de professores e práticas educativas: educação básica e superior - GPFOPE, atua na linha de Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, tendo como foco de Pesquisa a formação docente na educação básica e superior. E-mail: dbolzan19@gmail.com

3 Educadora Especial; Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria; Estudante do Programa de Pós Graduação em Educação, no âmbito de Doutorado- UFSM. Professora do Centro Universitário Franciscano, E-mail: giovana.fh@gmail.com

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa aqui apresentada está vinculada ao Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: Educação Básica e Superior (GPFOPE) por meio do projeto Cultura Escrita: Saberes e Fazeres Docentes em construção, que tem como objetivos: (1) compreender o processo de construção da leitura e da escrita de estudantes dos Sistemas de Ensino Municipal e Estadual em fase de alfabetização; (2) analisar as concepções docentes acerca da alfabetização; (3) problematizar estratégias didático-pedagógicas, de modo a qualificar as práticas de leitura e de escrita desenvolvidas em sala de aula. Essa proposta uniu-se ao Programa Mais Educação<sup>1</sup> com o intuito de desenvolver atividades vinculadas à Oficina de Letramento em uma escola do Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria (RS) por meio de atividades diversificadas de leitura e de escrita no decorrer do ano 2013.

O Programa Mais Educação é um Programa do Governo Federal que pretende oferecer educação integral nas escolas e, por meio de uma ação entre as políticas públicas educacionais e as políticas públicas sociais, contribuir para a diminuição da desigualdade social e para a valorização da diversidade da cultura brasileira. As atividades do Programa Mais Educação organizam-se em macrocampos que são fragmentados em diversas oficinas, sendo um deles o de acompanhamento pedagógico, no qual está inserida como uma das atividades propostas a Oficina de Letramento.

Na realidade em que esta pesquisa foi desenvolvida, a oficina foi organizada para dois dias na semana, efetivando as atividades com dois grupos de crianças: grupo A (1º, 2º e 3º ano) e grupo B (4º e 5º ano), sendo destinada uma hora em média para cada grupo, com intervalo de vinte minutos para o lanche.

Buscamos problematizar as influências do Programa Mais Educação no desenvolvimento da lectoescrita de crianças do primeiro ciclo de alfabetização, analisar essas concepções e, conseqüentemente, compreender a importância de um trabalho em turno integral. Interessava-nos investigar a importância de se haver outras atividades, programas ou projetos na escola capazes de contribuir para o desenvolvimento das crianças na aprendizagem, formação pessoal e social.

A metodologia escolhida para desenvolvermos a pesquisa foi a abordagem qualitativa de cunho etnográfico, por meio da qual buscamos compreender os processos de construção da leitura e da escrita através da observação participante e dos registros realizados no diário de aula das monitoras responsáveis pela Oficina de Letramento. A entrevista semiestruturada auxiliou-nos a “ouvir” as professoras regentes do primeiro ciclo de alfabetização, com o objetivo de compreendermos as influências da Oficina de Letramento no desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita dos seus estudantes.

A escola na qual nos inserimos para realizar a pesquisa situa-se no bairro Camobi e recebe crianças nos anos iniciais e anos finais do ensino fundamental. A instituição é mantida pelo Governo Municipal e o perfil da comunidade é carente, considerando-se sua localização e condições socioeconômicas.

## O PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO: REFLEXÕES PERTINENTES

O Programa Mais Educação é uma proposta de acompanhamento de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental em turno inverso às atividades escolares, com o objetivo de favorecer a integração por meio do atendimento extraescolar. O Governo Federal oferece o Programa de acordo com a Portaria Interministerial n.º 17/2007 e agrega ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). Tem como ideal oferecer

educação integral, a qual “compreende o ser humano em suas múltiplas dimensões e como ser de direitos [...]” (BRASIL, 2007, p. 5), prioritariamente àquelas escolas com IDEB baixo e com estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade social. O Programa propõe a expansão dos tempos, espaços e atores em um processo no qual as oportunidades educativas são organizadas e propostas a fim de qualificar a educação. Assim, o Programa Mais Educação “trata-se da construção de uma ação intersectorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira” (BRASIL, 2007, p. 7).

A educação integral que acontece por meio do Programa Mais Educação busca contextualizar o local/ambiente onde o estudante reside/vive e estabelecer vínculos com os seus interesses. Além disso, compreende o direito ao aprendizado, à saúde, à vida, à cultura, à liberdade, à dignidade e ao respeito como condição para o viver e conviver em comunidade.

Esse Programa é executado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), conjuntamente com a Secretaria de Educação Básica (SEB), e pelo Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Organiza-se em macrocampos: acompanhamento pedagógico, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos em educação, cultura e artes, cultura digital, promoção da saúde, educomunicação, investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica. Dentro desses macrocampos existem diversas outras atividades para serem desenvolvidas.

A preferência na participação das atividades do Programa é para aqueles que estão em estado de vulnerabilidade social, em situação de risco e sem assistência; para casos de discrepância entre idade e série; e para aqueles que vivenciam situações de evasão e/ou repetência. Desse modo, cada escola deve contextualizar o Programa Mais Educação em seu Projeto Político Pedagógico e em diálogo com a comunidade escolar, mapeando os estudantes que precisam participar das atividades oferecidas. Para o atendimento a esses estudantes, a educação integral conta com os profissionais da educação, educadores populares, estudantes e agentes culturais que atuam como monitores. Esses últimos são, na maioria das vezes, estudantes universitários com formação consoante aos macrocampos propostos. Ao professor comunitário<sup>4</sup> não é atribuída uma descrição definitiva, mas é preciso ter um olhar para as diferentes culturas, saber ouvir e interagir com o público-alvo, acreditar no trabalho coletivo e nas novas ideias. O diálogo deve estar sempre presente entre diretores, funcionários, estudantes e famílias. A educação integral precisa ser debatida em todas as reuniões para que haja compreensão e envolvimento de todos os segmentos da comunidade escolar no desenvolvimento das atividades previstas pelo Programa Mais Educação.

A documentação sobre o Programa destaca que as escolas que desejarem desenvolver a educação integral, e que não possuem o apoio financeiro do Programa Mais Educação, devem procurar adesão tanto no Governo Municipal quanto no Estadual. Em relação à organização da educação integral, ela deve ser seguida conforme o que sugere o Programa Mais Educação, fazendo uma seleção do que se necessita naquele espaço. A educação integral precisa estar arranjada no turno inverso das atividades regulares da escola, exposta no Projeto Político Pedagógico e adaptada às reais condições da instituição.

Para que as atividades aconteçam, é preciso que um professor comunitário seja definido. A ele caberão o planejamento e a organização de uma matriz do currículo, dos recursos e do espaço, bem como a definição do público que irá participar das atividades. Ele será o coordenador do Programa na escola.

4 Professor comunitário é o professor que assume as propostas das oficinas pedagógicas de forma voluntária.

Os documentos norteadores do Programa destacam o diálogo com as famílias como elemento importante para que elas se sintam responsáveis e motivadas a acompanhar o envolvimento e rendimento de seus filhos no processo de aprendizagem e formação. Desse diálogo decorre a aprendizagem significativa.

Na escola em que esta pesquisa foi desenvolvida, o Programa Mais Educação foi adotado há mais de quatro anos e funciona no turno inverso da aula. Durante esse turno, são desenvolvidas oficinas de letramento, matemática, recreação, dança, saúde e futsal, nas quais trabalham como monitores estudantes dos cursos de Pedagogia, Educação Especial, Educação Física e Matemática. Quem fica responsável pela parte financeira repassada pelo governo para aplicação no Programa Mais Educação é a diretora da escola. A área pedagógica tem como responsável uma professora, que é a coordenadora do Programa Mais Educação na instituição. O número de crianças atendidas é de cinquenta no turno da manhã e cinquenta à tarde. Elas recebem lanche em ambos os turnos, mas não há almoço. Os materiais utilizados nessas oficinas são jogos disponibilizados pelo Programa e outros confeccionados pelos próprios monitores.

Torna-se necessário contextualizarmos a realidade que estamos problematizando, ou seja, a Oficina de Letramento. Ela é organizada em circuitos de jogos e atividades diversificadas de leitura e de escrita, as quais contemplam quatro eixos de trabalho: consciência fonológica,<sup>5</sup> escrita espontânea,<sup>6</sup> produção textual<sup>7</sup> e usos e funções da leitura e da escrita.<sup>8</sup>

As professoras monitoras<sup>9</sup> que trabalham nessa oficina realizam seu planejamento semanalmente e elaboram reflexões sobre suas vivências nesse contexto. Para a realização dos circuitos, as crianças são divididas em grupos. Essa organização contempla as diferentes hipóteses em relação à leitura e à escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), e as crianças são desafiadas a produzir um registro a cada atividade de que participam. Ao término, os grupos trocam de mesa/atividade, até que todas as crianças façam todas as atividades organizadas previamente, contemplando os quatro eixos explorados. Essa dinâmica de circuitos de atividades diversificadas é uma proposta do Grupo de Pesquisa GPFOPE desde o ano 2002.<sup>2</sup>

## **OFICINAS DE ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LEITURA E DE ESCRITA: CIRCUITOS DE ALFABETIZAÇÃO COMO REALIDADE POTENCIALIZADORA DE APRENDIZAGEM**

As práticas de alfabetização têm sido reorganizadas e pensadas ao longo das últimas décadas no sentido de se romperem a reprodução e a mecanização das atividades, o que ainda acontece na sala de aula. Buscando levar até a escola novas possibilidades de trabalho nas classes de alfabetização, Bolzan (2007) apresenta-nos uma organização pedagógica por meio de circuitos de atividades diversificadas de leitura

5 Nossa compreensão sobre Consciência Fonológica está embasada nos estudos de Basso (2007), que a considera como a compreensão sobre a estrutura sonora das palavras, também nos diz que é a capacidade de compreender que a linguagem oral pode ser dividida em unidades menores que as sílabas, ou seja, os fonemas, assim como também fazer a correspondência entre grafemas e fonemas e vice-versa.

6 Como escrita espontânea estamos nos referindo às diferentes possibilidades de registro que a criança produz para demonstrar suas hipóteses e/ou concepções sobre a escrita de palavras, frases e textos (BOLZAN et al, 2013).

7 No que se refere à produção textual, entendemo-la como o registro organizacional da sequência de acontecimentos e fatos na composição de textos, caracterizando os modos de representação dos diferentes gêneros textuais. Essa organização pode ser explorada em forma oral e/ou escrita (BOLZAN et al, 2013).

8 Com relação aos usos e funções da leitura e da escrita, os estudos de Bolzan et al (2013) referem-se à compreensão da criança acerca da função dos diferentes portadores de textos nos diversos contextos sociais, caracterizando suas práticas sociais de uso.

9 As monitoras, nomenclatura utilizada pelo documento do Programa, são professoras em formação que estão atuando diretamente no Programa Mais Educação.

e de escrita. Essa organização foi pensada como forma de problematizar as práticas de leitura e escrita que há algum tempo vêm sendo utilizadas nos espaços escolares formais. Os circuitos de atividades diversificadas de leitura e escrita consistem no

[...] desenvolvimento de um conjunto de atividades pedagógicas que tem como finalidade explorar as concepções e hipóteses que os aprendizes elaboram a partir dos seus conhecimentos prévios. Nessa dinâmica, as atividades são realizadas concomitantemente pelos grupos de estudantes, tendo como eixo articulador uma determinada temática. No momento da proposição das atividades são realizadas explicações pertinentes ao seu desenvolvimento, conferindo ao grupo a autonomia para criar ou recriar regras de acordo com seus interesses e vivências. Para a dinâmica de circuito desenvolver-se de forma organizada, é definido um tempo para a realização das atividades nos grupos. A definição deste tempo requer um planejamento cuidadoso das estratégias a serem desenvolvidas, uma vez que o andamento das atividades deve possibilitar a sincronia entre os estudantes, de modo que cada grupo não se disperse. Ao término ou durante o próprio desenvolvimento das atividades, cada grupo recebe uma proposta de registro, que deve ser flexível aos níveis e/ou hipóteses de construção da leitura e da escrita apresentadas pelos estudantes. Esses registros visam à promoção de confrontos de hipóteses e pontos de vista acerca da lectoescrita, a partir da interação entre pares ou sujeitos mais capazes. O circuito de atividades diversificadas caracteriza-se como um processo potencializador das aprendizagens por meio de atividades colaborativas. (BOLZAN *et al*, 2013, p. 109)

Assim, os circuitos de atividades diversificadas contribuem significativamente para a construção do conhecimento das crianças. Os estudos de Isaia (2008) ajudam-nos a compreender a importância da interação grupal no processo de alfabetização:

[...] quando as crianças compartilham, na interação grupal, concepções e hipóteses sobre o que a escrita representa e como ela é representada, mesmo que ainda não sejam leitoras e escritoras do modo convencional, realizam descobertas coletivas acerca do universo da língua escrita, já que o compartilhamento de questões inquietantes e de informações pessoais, decorrentes do nível conceitual na qual se encontram cada sujeito em particular, favorecem a socialização dos conhecimentos que levam a reflexões individuais. Então, a interação grupal e, especialmente, os conflitos sociocognitivos, levam a apropriação da lectoescrita de uma forma construtiva, visto que os conhecimentos que as crianças constroem, acerca dos aspectos gráficos e funcionais da língua escrita, na interação grupal, não são transmitidos de uma pessoa para outra, mas sim, construídos entre esses sujeitos que compartilham hipóteses, já que não existe, dentro do grupo, alguém que possua todo o saber acerca do sistema de escrita para transmiti-lo. (ISAIA, 2008, p. 3-4)

Compreendemos que a interação pode acontecer de forma verbal ou não verbal tanto entre as crianças quanto entre as crianças e o professor, ou seja, pode existir uma solicitação de informação escrita ou essa informação pode se apresentar espontaneamente por meio da oralidade. A troca de informações entre as crianças auxilia no desenvolvimento psíquico de cada um, pois, pensando na criança como um sujeito que se desenvolve tanto social como biologicamente, é também na sala de aula que as experiências e conflitos acarretados pelos estímulos do meio surgirão e serão questionados por elas.

## METODOLOGIA

Para este estudo, amparamo-nos na pesquisa de abordagem qualitativa de cunho etnográfico, que nos leva a compreender os fenômenos dentro de um contexto de forma investigativa, pois “[...] as pesquisas

chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais” (WELLER; PFAFF, 2011, p. 30).

Desse modo, compreendemos que a pesquisa de abordagem qualitativa nos faz olhar para os fenômenos de modo a entender os fatores, as causas do que está sendo estudado, com base na realidade/contexto, considerando-se as relações sociais e os acontecimentos cotidianos.

Assim, nosso estudo está voltado à compreensão do processo de aprendizagem de crianças do primeiro ciclo da alfabetização de uma escola do Sistema Municipal de Ensino que participa da Oficina de Letramento do Programa Mais Educação. Foi preciso nos inserirmos no contexto para estudar, entender os fenômenos que lá aconteciam e buscar possíveis explicações prévias ao nosso problema e aos nossos objetivos da pesquisa. Nesse sentido, nossa proposta de investigação constitui-se num estudo etnográfico, o qual se caracteriza pela “[...] compreensão dos processos sociais de produção [...] a partir de uma perspectiva interna ao processo, por meio da participação durante seu desenvolvimento. A participação prolongada [...] e o uso flexível de diversos métodos (incluindo entrevistas mais ou menos informais ou análise de documentos) caracterizam essa pesquisa” (FLICK, 2009, p. 31).

Seguindo esse mesmo caminho, André (1995) apresenta-nos a pesquisa etnográfica como uma pesquisa que envolve técnicas para a coleta de dados que podem ser sobre valores, práticas e comportamentos de um grupo social. Assim, o pesquisador torna-se o agente principal da pesquisa, tanto na coleta dos dados quanto na sua análise.

Na área educacional, conforme os estudos de André (1995), a pesquisa etnográfica pode ser realizada em três dimensões: “(1) o encontro professor-aluno-conhecimento [...]; (2) as relações construídas pelos agentes da instituição escolar; e (3) os fatores socioculturais mais amplos que afetam a dinâmica escolar” (ANDRÉ, 1995, p. 35). O nosso estudo, então, está situado nas três dimensões quando nos propomos a compreender como as atividades da Oficina de Letramento do Programa Mais Educação influenciam na aprendizagem da lectoescrita de crianças do primeiro ciclo de alfabetização em uma escola do Sistema Municipal de Ensino da cidade de Santa Maria (RS). Portanto, nessa perspectiva em que a etnografia proporciona uma tentativa de descrição de um espaço e de uma cultura, a participação no contexto sociocultural da pesquisa nos permitiu a compreensão para atingirmos os resultados almejados.

Como instrumentos de pesquisa, utilizamos o diário<sup>10</sup> de aula que serviu como referência quanto ao planejamento e às reflexões das professoras monitoras sobre as atividades desenvolvidas na Oficina de Letramento no Programa Mais Educação. Os diários de aula são vistos como uma proposta metodológica que é embasada em documentos pessoais ou narrações autobiográficas (ZABALZA, 2007).

Além desses registros no diário de aula, também realizamos entrevistas semiestruturadas com as três professoras regentes das turmas do primeiro ciclo de alfabetização. Acreditamos que, por meio dessas narrativas, foi possível reconhecer e identificar as concepções das professoras em relação ao Programa Mais Educação e sua repercussão na construção da lectoescrita.

Ainda na coleta de dados, realizamos observações participantes, que se caracterizam como sendo procedimentos que permitem acesso aos fenômenos estudados (SEVERINO, 2007), pois oferecem uma visão

<sup>10</sup> O diário das monitoras foi construído com as escritas que discorreram sobre a vivência em cada oficina realizada.

tanto ampla quanto detalhada do trabalho que está sendo realizado. Em outras palavras, a observação participante também diz respeito à possibilidade de o pesquisador imergir no contexto, observando o processo como participante dele e, conseqüentemente, influenciando o que é observado em razão de sua participação (FLICK, 2009). A observação participante aconteceu durante o trabalho no desenvolvimento das oficinas.

Os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa foram estudantes do ciclo de alfabetização, três professoras<sup>11</sup> regentes das turmas acompanhadas e as professoras monitoras<sup>12</sup> do Programa, que desenvolviam a Oficina de Letramento.

### ANÁLISE DOS ACHADOS

Neste artigo, apresentaremos um recorte da análise enfocando a compreensão docente das regentes participantes da pesquisa, que tiveram seus estudantes inseridos no Programa Mais Educação.

Para problematizar como as professoras de uma escola do Sistema Municipal de Educação da cidade de Santa Maria compreendem o Programa Mais Educação no que se refere às dinâmicas desenvolvidas no contexto escolar e à implicação da proposta da Oficina de Letramento na aprendizagem da lectoescrita das crianças que estão no primeiro ciclo de alfabetização, destacamos uma categoria de análise: Programa Mais Educação: novos caminhos, diferentes possibilidades. Nesse sentido, procuramos compreender os elementos existentes atualmente no contexto da escola no que se refere ao Programa Mais Educação, discutindo sobre o conhecimento docente acerca do Programa, as concepções docentes sobre ele, a implicação das atividades vividas pelos estudantes, o conhecimento sobre a dinâmica dos circuitos de jogos e atividades diversificadas e as contribuições do Programa para a comunidade escolar.

No que se refere ao conhecimento docente acerca do Programa Mais Educação, evidenciamos que as professoras enfrentam diferentes situações para conhecer as demandas do Programa. Foi por meio das narrativas que destacamos o tateamento professoral sobre a organização do Programa. Esse momento refere-se a uma reserva das informações em razão da falta de planejamento adequado e sistematizado para que elas sejam socializadas. Podemos constatar a manifestação desse elemento categorial nas narrativas a seguir:

[...] Foram conversas que foram surgindo, [...] alguns comentários sobre as oficinas, conversas assim bem informais, nada muito sistematizado. Não tenho lembranças de apresentação formal sobre o projeto. [...] eu não tenho contato, de saber assim, quais são os monitores, o que realmente estão desenvolvendo, até porque a gente não tem esse tempo de socialização. São sempre conversas informais, e vai muito do professor também querer saber o que está acontecendo [...]. (Prof. Sílvia)

[...] não foi apresentado assim pra todo mundo [...] o que era o Mais Educação, o que cada um trabalhava. (Prof. Júlia)

<sup>11</sup> Foram adotados nomes fictícios para manter o anonimato das regentes. São elas: professora Sílvia, 29 anos de idade, pedagoga com 7 anos de atuação nos anos iniciais; professora Júlia, 45 anos de idade, pedagoga com 19 anos de atuação nos anos iniciais; e professora Cintia, 38 anos de idade, pedagoga com 5 anos de atuação nos anos iniciais.

<sup>12</sup> Professoras monitoras da oficina de Letramento com idade entre 19 e 22 anos, estudantes do curso de Pedagogia Licenciatura Plena na Universidade Federal de Santa Maria.

[...] aconteceu durante nossos recreios. [...] poderia ter sido assim, feito uma reuniãozinha, em que os envolvidos no Mais Educação poderiam dizer assim: “Oh nós vamos fazer esse, esse e esse projeto”, apresentar para os professores terem esse conhecimento [...] não houve nenhuma apresentação formal disso [...]. Há uma conversa informal entre nós colegas, entre a direção, que às vezes a gente está conversando sobre isso, algumas coisinhas que eu peguei no ar, algumas coisinhas que a diretora comentou comigo. (Prof. Cintia)

Considerando os elementos destacados pelas professoras regentes, é possível inferir que há pouco conhecimento sobre a organização e a dinâmica do Programa Mais Educação no contexto da escola. No documento, é destacado o papel do diretor na escola e a sua “atuação com o Conselho Escolar, com o papel de incentivar a participação, o compartilhamento de decisões e de informações com professores, funcionários, estudantes e suas famílias” (BRASIL, 2007, p. 16). Nesse sentido, evidenciamos que a escola precisa organizar momentos específicos para a socialização e o planejamento de atividades no que se refere ao Programa Mais Educação.

Em relação ao diário de aula das professoras monitoras da Oficina de Letramento, destacamos um registro que indica a mesma percepção:

Estamos na segunda semana de atividades na Oficina de Letramento e sentimos que precisamos de informações sobre este Programa. Como e com qual objetivo ele é desenvolvido, como ele é organizado? Como ele é dinamizado? Sabemos que a nossa proposta está vinculada ao GPFOPE, compreendemos como precisamos organizar e planejar as atividades da oficina de letramento, mas gostaríamos também de saber o que a monitora da oficina de Matemática está propondo, pois as questões de leitura e escrita estão implicadas também naquele contexto. (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, março de 2013)

Assim, evidenciamos que tanto as professoras monitoras como as professoras regentes mostram empenho em vivenciar momentos de compartilhamento sobre as atividades que desenvolvem no Programa Mais Educação. As professoras monitoras demonstram interesse no compartilhamento das informações e das atividades propostas para uma melhor organização do trabalho pedagógico com as crianças, uma preocupação central que permeia a prática docente desses sujeitos implicados com a docência alfabetizadora.

As professoras regentes têm compreensão de que essas informações as ajudarão no acompanhamento do desenvolvimento das crianças em sala de aula, a partir do qual compreenderão as necessidades pedagógicas de suas turmas. Trata-se da possibilidade de redimensionar as suas propostas pedagógicas, uma prática inexistente naquele contexto.

O Programa Mais Educação propõe estratégias específicas, entre elas o quesito do público-alvo,<sup>3</sup> que emergiu durante a entrevista com nossas colaboradoras. Sobre isso elas nos dizem:

[...] principalmente as crianças que tem Bolsa Família, que precisam ter essa responsabilidade de estar na escola, [...] crianças com dificuldades, que precisavam de um apoio escolar e que muitas vezes ficavam sozinhas em casa. Então algumas situações de risco também foram indicadas. (Prof. Sílvia)

[...] pra ajudar a criança com dificuldade pra avançar, pra melhorar [...]. Não era só pra tirar da rua. Eu notei que eram convidadas as pessoas de baixa renda, que moravam próximas da escola [...], com dificuldades ou não de aprendizagem. Mas eu noto que agora há uma preocupação mesmo com esse aluno que ainda não lê. (Prof. Júlia)

Os critérios de seleção foram crianças mais vulneráveis, que não está com um adulto em casa; crianças que estão mais na rua ou que não tem aquele apoio em casa, da família porque os pais trabalham, não tem alguém que olhe por elas, eu acho que é por esse lado assim, também quem tem a Bolsa Família, que geralmente os que tem a Bolsa Família são os que precisam né, que tem uma dificuldade em casa, tem dificuldade em tudo, precisam de tudo. As dificuldades de aprendizagem também foram envolvidas [...]. (Prof. Cintia)

Nessas narrativas, entendemos que a participação das crianças no Programa Mais Educação está condizente com os elementos destacados no documento referente ao Programa quando sinaliza para a participação de estudantes que estão em situação de risco, vulnerabilidade social e sem assistência. O documento também afirma que a escola tem a liberdade para realizar escolhas vinculadas ao Projeto Pedagógico e em diálogo com a comunidade escolar, definindo quantos e quais alunos irão participar das atividades conforme outras necessidades presentes no contexto escolar.

Observamos que as professoras regentes possuem informações que vão sendo construídas informalmente quando conseguem ter um olhar distante sobre a seleção que é realizada no contexto da escola. Elas se mostram preocupadas em definir com coerência as suas ideias sobre esse aspecto, a fim de contemplar os reais objetivos do Programa Mais Educação. Todavia, muitas vezes, elas não detêm essas informações.

Por meio do diário das professoras monitoras da Oficina de Letramento, entendemos que há também necessidade de se ampliarem as informações sobre o contexto de vida das crianças que participam da oficina, pois

Chegando ao final do trabalho com as crianças, gostaríamos de salientar como é importante sabermos de onde vêm as crianças, qual a realidade vivida por elas, por que participam deste Programa. Conhecer um pouquinho da história de vida de cada um é importante, porque é o que percebemos durante nosso planejamento. É de extrema importância sabermos para quem estamos preparando uma atividade. (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, novembro de 2013)

As professoras monitoras trazem conhecimentos diferentes sobre os motivos de as crianças serem participantes do Programa. Também acreditam que realizariam planejamento e organização das atividades de maneira mais adequada se detivessem essas informações. São, sem dúvida, dados importantes para o docente que pretende desenvolver um trabalho que valoriza o contexto social e proporciona a ampliação dos conhecimentos escolares das crianças, como sugerido pelas normativas do Programa.

Em relação às concepções docentes sobre o Programa Mais Educação, entendemos que o ele se fortalece se puder contar com a participação dos pais. As professoras afirmam a importância do compromisso da família, em especial, de os pais estarem integrados às atividades, motivando e levando seus filhos à escola para participarem das oficinas do Programa. Podemos evidenciar esse dado nas narrativas das professoras Sílvia e Cintia:

[...] é uma forma deles estarem mais envolvidos também com o ambiente escolar [...] que a gente pode utilizar também como recurso e cobrar isso dos pais para que eles mandem seus filhos, participem das oficinas, estejam lá realmente envolvidos com aquilo que está acontecendo porque é a forma que a escola tem de dar um apoio para essas crianças. E muitas vezes os pais também não veem essa valorização talvez porque falte um diálogo maior em relação a esse projeto. (Prof. Sílvia)

[...] falta interesse do próprio aluno, da família sabe, dar aquele suporte pra criança [...]. Então, eu acho que é importante assim, esse engajamento da escola sempre com a família [...] fazendo essa troca. (Prof. Cintia)

Também evidenciamos na narrativa das professoras monitoras da Oficina essa preocupação. Elas acreditam que a presença e o compromisso dos pais seriam mais favoráveis à participação e ao desenvolvimento global da criança:

Temos observado nestas três últimas semanas que os pais não têm um compromisso com este programa, pois acontecem muitas faltas e algumas crianças moram perto da escola. Ficamos nos questionando se realmente os pais têm conhecimento sobre as atividades que são propostas aqui, seria muito melhor se tivéssemos a frequência das crianças, por exemplo, pois por meio disto também poderíamos garantir maior continuidade no trabalho (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, dezembro de 2013).

A participação dos pais e o conhecimento das informações sobre o Programa repercutiriam diretamente na frequência das crianças nas atividades, o que valorizaria o trabalho oferecido nas oficinas e favoreceria o desenvolvimento das crianças, contemplando os aspectos da aprendizagem escolar no que se refere à idade/ciclo. Nesse caminho, o documento que orienta as atividades do Programa afirma que esse trabalho

[...] implica alianças com os familiares e com os responsáveis pelos estudantes. Para que a educação seja "integral", a família – compreendida como uma comunidade formada por pessoas que são ou se consideram aparentadas, unidas por laços naturais, por afinidades ou por vontade expressa –, participa ativamente da vida escolar. Portanto a escola deve promover o diálogo com a família. (BRASIL, 2007, p. 8)

Assim, compreendemos que as atividades do Programa Mais Educação, se vinculadas ao compromisso dos pais, aumentariam as possibilidades de sucesso escolar das crianças.

As professoras regentes também apresentam preocupações quanto à fadiga das crianças que permanecem dois turnos na escola. As colaboradoras deste estudo falam sobre o cansaço por parte das crianças que permanecem todo o dia na escola, tendo somente o intervalo das 11h às 13h30 para irem para casa, tomarem banho, se alimentarem e voltarem à escola. Elas afirmam que essa situação prejudica o andamento, o envolvimento da criança no turno de aula regular, à tarde. É o que observamos nos excertos a seguir:

Só que tem também um lado negativo, porque a criança chega cansada pra tarde, agitada, nesse sentido. É muito tempo sabe, ainda acho que falta muita coisa na estrutura da escola, porque dá muito barulho. (Prof. Júlia)

[...] eu não sei se toda manhã seria legal, porque a criança tem que ir pra casa, tem que fazer tudo meio correndo, será que ela tem um tempo bom dela ir e vir de casa. Ir pra casa, conseguir

se organizar conseguir tomar um banho, será que ela consegue fazer isso? De repente nem todos [...]. (Prof. Cintia)

Evidenciamos, por meio das vozes das professoras regentes, uma preocupação constante com o cansaço das crianças no turno da tarde, pois as atividades no contraturno as deixam exaustas e agitadas. Nessa mesma direção, uma das professoras monitora da Oficina nos narra que

[...] foi difícil trabalhar com o grupo hoje, eles estavam muito agitados. Realmente têm dias que eles não estão interessados, pois chegam com toda a energia para pular e correr ou com sono. Eu imagino que seja devido à questão de acordar muito cedo; eu percebo que alguns estudantes têm preguiça de participar, parecem desinteressados e cansados, sei que alguns deles precisaram caminhar muito para chegar até a escola logo pela manhã". (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, abril de 2013)

Dessa forma, compreendemos que não é somente no turno da tarde que aparecem essas características, mas também pela manhã, quando as crianças estão chegando à escola. Sobre a permanência delas na escola, temos conhecimento de que elas têm o direito à alimentação e ao descanso em horário anterior à aula – o Programa Mais Educação sugere e envia verba para isso. Essa indicação consta no Manual Operacional do Programa:

Os recursos para a alimentação escolar estão garantidos pelas RESOLUÇÃO 67 de 28 de dezembro de 2009 do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, que estabelece o valor de R\$ 0,90 (noventa centavos de real) para os estudantes participantes do Programa Mais Educação. Os recursos financeiros serão transferidos às Secretarias Estaduais e Distrital de Educação e às Prefeituras Municipais, que atenderão às escolas mediante envio de gêneros alimentícios ou repasse dos recursos às Unidades Executoras [...]. (BRASIL, 2012, p. 13)

Segundo o documento, essa verba é disponibilizada para todas as escolas que desenvolvem o Programa Mais Educação. Sabemos também que, em outras instituições escolares em que se desenvolve o Programa, a prática do almoço acontece, mas ela não se efetiva na escola que acompanhamos.

Evidenciamos nas narrativas das professoras que há uma decorrência das atividades vividas pelos alunos junto ao Programa Mais Educação, pois identificamos que os vínculos entre as experiências vividas no Programa e a sala de aula existem ainda de forma tímida. Nos excertos a seguir, as professoras regentes mencionam que algumas crianças comentam em sala de aula sobre algumas oficinas desenvolvidas pelo Programa. Encontramos esse elemento categorial nas narrativas das professoras regentes Sílvia e Júlia.

Eles comentam muito sobre as Oficinas do Letramento. Muitas vezes, as atividades que eu desenvolvo em sala de aula eles comentam: "isso a gente viu com as profes" né, "Isso a gente trabalhou de outra forma". As oficinas do Futsal, as atividades que são mais recreativas e no pátio, muitas vezes eles comentam o que eles fizeram, o que eles conversaram. Então, principalmente essas atividades que chamam a atenção deles e que eles relacionam com alguma coisa em sala de aula. Mas acho que, principalmente, essas duas oficinas são as que chama mais a atenção deles. (Prof. Sílvia)

[...] "ah a gente fez no Mais Educação!" Mas não é uma coisa assim com frequência que eles dizem sabe. [...] não lembro o que eu fiz... "Ah de manhã a gente fez no Mais Educação isso!" Mas noto que não comentam muito. (Prof. Júlia)

Mesmo havendo certa distinção entre as turmas dessas duas professoras regentes – numa turma, os comentários são mais frequentes que em outra –, as atividades chamam a atenção das crianças e são lembradas em sala de aula. Nesse sentido, podemos inferir que se a escola tivesse uma organização para a socialização das atividades que são desenvolvidas nas oficinas, talvez as professoras regentes conseguissem observar as reações dos estudantes e realizar provocações pertinentes para promover o aprendizado deles. Aumentaria, ainda, a possibilidade, de elas reorganizarem sua prática docente com o objetivo de contemplar aspectos que mobilizam as crianças a aprenderem com maior entusiasmo.

Trazemos a seguir as concepções das professoras regentes da escola sobre a Oficina de Letramento desenvolvida no Programa Mais Educação. Por meio de suas narrativas, procuramos evidenciar como elas compreendem esse trabalho. Observamos, então, que o conhecimento sobre a dinâmica dos circuitos de jogos e atividades diversificadas aparecem como possíveis para as professoras Sílvia e Júlia quando nos dizem que:

[...] isso depende muito da organização que eu tenho em sala de aula, dependendo da temática que eu estou desenvolvendo eu faço um trabalho de culminância com o circuito. Eu procuro sempre relacionar com o trabalho que eu desenvolvo em sala de aula e eu vejo muito sentido nesse trabalho porque contribui para a aprendizagem das crianças. Com certeza não é uma atividade fácil de fazer, até porque demanda um planejamento, uma organização prévia que não é só reunir várias atividades e desenvolver em sala de aula em um certo momento. É um desafio, e claro que não é uma atividade fácil de se fazer sozinha em sala de aula com quatorze crianças que eu tenho, um grupo bastante dependente. No início assim, eles tinham uma dependência muito grande, uma insegurança muito grande e não era fácil desenvolver o trabalho, mas mesmo assim eu apostei e fiz o que era possível naquele momento. Eu já procurava sempre organizar o circuito de forma que em um grupo eu pudesse dar uma atenção mais especial, sentar com aquele grupo e nos outros eles tivessem mais autonomia pra poder fazer os trabalhos sozinhos. São as estratégias que a gente vai buscando também pra dar conta daquele trabalho, mas nunca deixei de fazer [...]. (Prof. Sílvia)

[...] Eles adoram! [...] o certo seria fazer isso mensal ou semanalmente, mas a gente não faz. É uma coisa boa e tu vê a evolução. Só que esse ano eu estou com uma turma bem atípica que eu acho que eu fiz uma vez o circuito de atividades [...]. Olha, eles precisam muito da gente, tu tem que passar nos grupos, não é só fazer a atividade. E eu tenho os três incluídos também, que daí ficou meio complicado. Acho que faz uns três anos, quatro que eu faço. [...] não seguidamente, mas duas ou três vezes em cada turma. (Prof. Júlia)

Para a professora Cintia, as atividades diversificadas de leitura e de escrita e os circuitos de jogos são desafiadores quando nos diz que:

Eu nunca fiz circuito de jogos, eu fiz jogos esporadicamente, cada grupo trabalhava com objetivos parecidos ou iguais né, porque nem sempre tinha o mesmo jogo para a turma inteira. Na verdade, eu tenho um pouco de dificuldade porque eu não tenho todo o conhecimento que eu poderia ter. [...] o que é o conhecimento sobre jogos? É tu conhecer o jogo e saber aplicar o jogo [...]. Eu acho que não é difícil na medida que a gente conhece o jogo para poder trabalhar com eles. (Prof. Cintia)

Nesse sentido, uma das professoras monitoras da Oficina de Letramento destaca:

Os planejamentos foram todos realizados pensando em uma dinâmica que fugisse da rotina que as crianças já estão acostumadas a vivenciar em sala de aula, para que assim despertasse mais o interesse deles, também pensando em contemplar todas as idades. Porém estes foram alguns dos desafios que enfrentamos, pois nosso objetivo era propor jogos e atividades diversificadas de leitura e de escrita que contemplasse os quatro eixos – consciência fonológica, escrita espontânea, produção textual e usos e funções da escrita – e por meio do trabalho em grupo as crianças nos desafiam, precisamos de uma organização, pensando desde uma temática pertinente ao momento, contexto de vida das crianças, até os níveis de leitura e escrita das mesmas. (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, dezembro de 2013)

Evidenciamos que as professoras possuem conhecimento sobre as dinâmicas dos circuitos de alfabetização que são desenvolvidas na Oficina de Letramento, mas que os elementos implicados nas atividades diversificadas são ainda sombrios. Para melhor entender, e como já trouxemos no decorrer deste estudo, o circuito de alfabetização refere-se a um conjunto de atividades diversificadas ou jogos pedagógicos que têm como objetivo explorar e confrontar as hipóteses em relação à leitura e à escrita que as crianças elaboram a partir dos seus conhecimentos prévios sobre a escrita. As atividades são divididas em diferentes grupos de crianças e são realizadas ao mesmo tempo. Para cada grupo é proposta uma forma de registro. Os circuitos são um meio para potencializar a aprendizagem de maneira colaborativa (BOLZAN *et al*, 2013).

Desse modo, a falta de informação transforma-se em um empecilho para a reorganização da prática pedagógica, o que influencia diretamente no planejamento. Evidenciamos isso na narrativa da professora regente Cintia, quando ela diz que tem interesse em aprender mais sobre jogos, mas que talvez o conhecimento sobre as possíveis fontes de estudo não esteja ao seu alcance.

Uma das professoras monitoras da oficina apresenta-nos o seu conhecimento e também alguns desafios já enfrentados durante o trabalho relativo aos circuitos. Ela diz que, para realizar os circuitos, precisa de uma organização, ou seja, é preciso pensar em uma temática interessante e olhar para a situação de cada criança – processo de alfabetização, contexto social, história familiar. Como desafios, ela menciona a organização das atividades de modo que contemple as idades e as hipóteses dos estudantes.

Nessa mesma direção, as narrativas das regentes, colaboradoras do estudo, evidenciam o que cada uma pensa sobre a possibilidade dos circuitos de alfabetização em sala de aula. A professora regente Silvia diz que já adota essa prática há alguns anos com frequência e que essa não é uma tarefa fácil, pois envolve diferentes estratégias pedagógicas, como a reorganização de planejamentos e a organização do espaço e da dinâmica da sala de aula. Trata-se de um enfrentamento que ela está disposta a assumir. Vemos nos excertos a seguir o modo como cada uma delas encara a possibilidade de desenvolver os circuitos em sala de aula:

[...] isso é uma prática que eu já tenho há anos e eu acho que contribui muito na própria organização das crianças né, a forma como elas vão também construindo essa autonomia pra desenvolver o trabalho no seu grupo, pra buscar o auxílio entre os colegas, ao invés de ter só o professor como essa figura central. [...] contribui nesse sentido de desenvolvimento da autonomia deles, de construção da leitura e da escrita de uma forma lúdica, prazerosa, que eles estão jogando ali, eles estão compartilhando os conhecimentos, pra buscar nos seus colegas esse auxílio, pra entender que ajudar o colega não é dar a resposta, mas é ajudar ele a pensar sobre o que está sendo trabalhado. [...] com os circuitos eu vi que acrescentou muito em relação a

essa organização deles em sala de aula, de sentar junto, terminou a sua atividade, senta junto com o colega, vai ajudar [...]. (Prof. Silvia)

Sim, eu já fiz. [...] a gente faz os grupos e trabalha com atividades diferentes assim do que a gente tá trabalhando. Confecciona jogos, e os jogos passam por eles, e tem a questão de eles anotarem na folha, tipo circuito de atividades. [...] sempre tem o registro, eles anotam o que que eles fazem. Até o joguinho simples de memória, de anotar os pares, por exemplo, formar frases. [...] eu acho que em uma pessoa é complicado, apesar de ter um número pequeno de alunos [...]. (Prof. Júlia)

[...] eu acho bem legal, eu gosto de jogos, eu até queria ter mais conhecimento sobre jogos, penso até fazer um curso, participar como eu já participei do GPFOPE no ano passado. E esses jogos sempre vêm chamar a atenção dos alunos e ajudar na aprendizagem deles. Tem que programar um tempo especificamente para o jogo, eu quero ainda criar esse hábito, tipo uma vez por semana, não precisava ser a tarde inteira, mas digamos assim, até o recreio trabalhar com uma coisa assim mais formal, formal digo escrita, ou a escrita no caderno ou aquela parte que a gente faz a correção e tal, e depois, no tempo da tarde trabalhar com jogos. Ou até a tarde inteira também, porque de repente o jogo se estende. Só que assim, o que eu aprendi, que o jogo tu tem que deixar uma vontadezinha para o outro dia sabe. Então a tarde inteira, será que vai deixar esse quero mais, ou dependendo do jogo tu precisas desse tempo maior [...]. (Prof. Cintia)

Nesse sentido, uma das professoras monitoras da oficina afirma que

durante a realização dos circuitos, algo significativo foi o fato de as crianças auxiliarem na realização das atividades, os maiores ajudavam os menores nas atividades de escrita, ditavam letras, davam algumas dicas, etc. Isso para nós foi muito importante para a aprendizagem das crianças e também no desenvolvimento da autonomia, pois tendo um colega que auxilie, eles não dependem tanto do auxílio do professor, sem contar que ambas as crianças estão aprendendo nesse exercício. (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, dezembro de 2013)

Desse modo, observamos que a professora regente Silvia acredita no potencial dessa prática no desenvolvimento pessoal e da aprendizagem da criança. Ela destaca elementos importantes, como o deslocamento do papel do professor como único informante potencial na sala de aula, a organização do trabalho cooperativo, a autonomia da criança tanto para trabalhar no grupo como para sua produção escrita e o auxílio ao colega.

Já a professora regente Júlia dedica-se à compreensão e à dinamização dessa prática no contexto da sua sala de aula. A professora regente Cintia acredita que essa prática seja interessante, mas ainda demonstra dúvidas sobre como implementar a sistemática do circuito na rotina de sala de aula. Por esse motivo, acreditamos que a socialização sistematizada das informações seria elemento favorável à reorganização de propostas pedagógicas, uma vez que se tornaria mobilizadora de novas possibilidades.

No que se refere às contribuições do Programa Mais Educação para a comunidade escolar, as colaboradoras deste estudo narram que estão em processo de aprendizagem sobre a dinâmica proposta, mas que, na medida do possível, procuram entender e eleger valores que precisam ser esclarecidos para a compreensão do real objetivo do Programa Mais Educação.

[...] tem contribuições no sentido de que é um apoio para aquelas crianças que têm a necessidade de estar na escola ao invés de estar em casa sozinhas ou fazendo outras atividades inadequadas até muitas vezes para a idade deles. Acho que é um apoio sim para essas crianças, é uma forma de eles estarem mais envolvidos também com o ambiente escolar [...]. [...] não necessariamente por um apoio pedagógico, eu vi que elas [crianças] tiveram um crescimento muito significativo de uma hora para a outra, deram um salto na aprendizagem, em pouco tempo já estavam lendo e escrevendo, e isso só, só contribuiu com esse crescimento. (Prof. Silvia)

Olha, se esse Programa for feito assim pra ajudar a criança também, não só tirar ela da rua assim, se for pra ajudar nesse sentido ou se for as duas coisas juntas eu acho que é uma coisa boa. (Prof. Júlia)

Eu penso que ele é mais um apoio para a criança. Tem um lado positivo. Ele tem o lado bom, que muitas crianças ficam na rua às vezes, ou ficam em casa sozinhas, e aí aqui na escola podem ter outras oportunidades, podem fazer reforço, podem fazer outros projetos [...]. Então eu acho que ele é bom, mas ele tem que ser bem organizado. (Prof. Cintia)

Sabemos que muitas das crianças que participam do Programa Mais Educação cuidam de outras crianças – dos irmãos, vizinhos, parentes –, outras ficam sozinhas em casa, também temos crianças que participam em função de alguma dificuldade de aprendizagem. Mas para mais que isto, vejo que esse Programa, pode ser que com o passar do tempo isso fique mais claro para a comunidade escolar, mostra às crianças outros caminhos que a vida oferece. [...] então vejo que o Programa propõe a elaboração de pensar em várias capacidades e possibilidades para o sujeito. Então, o Programa não acolhe as crianças somente no sentido pedagógico e social (tirar a criança da rua, não deixar ela sozinha em casa), mas também no sentido de formação pessoal e social. (DIÁRIO MAIS EDUCAÇÃO, outubro de 2013)

Com essas narrativas, notamos que as professoras regentes assumem a concepção de que o Programa Mais Educação é desenvolvido apenas para acolher as crianças em situações vulneráveis, oferecendo-lhes um apoio pedagógico e um maior envolvimento no contexto escolar. Já as professoras monitoras acreditam que o Programa acolhe as crianças no sentido pedagógico, social e de formação pessoal, e seu papel é o de mediador de uma formação integral do sujeito.

Nesse caminho, desenvolvido por meio da proposta de educação integral<sup>4</sup> – as crianças permanecem o dia todo na escola –, seguindo o documento norteador do Programa Mais Educação, evidenciamos que ele foi instituído como uma estratégia para

[...] induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação integral. [...] Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Isso porque a Educação integral, associada ao processo de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesse e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens (BRASIL, 2007, p. 7).

Assim, constatamos a importância do diálogo entre as professoras em relação às informações sobre o Programa Mais Educação, pois, conforme o documento, as crianças permanecem durante todo o dia na

escola com o intuito de ampliar o tempo, o espaço e as condições de aprendizagem, considerando-se os seus interesses. Esse entendimento conceitual facilitará o trabalho do professor no contexto escolar. Por isso, entendemos que as professoras precisam compreender os reais objetivos do Programa Mais Educação. É preciso ficar claro que o Programa visa ir além da ideia de retirar a criança da rua e de não deixá-la sozinha em casa; pretende oferecer oportunidades de ampliação e de aprofundamento de experiências na escola que possam envolvê-los em novas aprendizagens.

## DIMENSÕES CONCLUSIVAS

No decorrer deste estudo, dedicamo-nos a compreender as concepções que as professoras que trabalham no primeiro ciclo de alfabetização em uma escola do Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria possuem em relação ao Programa Mais Educação e as implicações da proposta da Oficina de Letramento na aprendizagem da lectoescrita das crianças. Nesse sentido, consideramos as monitoras da oficina, professoras em formação que atuaram diretamente com o Programa Mais Educação. Suas concepções foram elementos que nos ajudaram a avaliar como o próprio Programa está organizado e divulgado na escola. Já as concepções das professoras regentes que não atuaram no Programa, mas que recebem os alunos participantes no turno inverso, ajudaram-nos a evidenciar que as informações sobre as atividades desenvolvidas no Programa não são divulgadas e, por esse motivo, algumas delas não possuem conhecimento sobre as propostas das oficinas. Foi por meio das narrativas das nossas colaboradoras que discutimos sobre o Programa Mais Educação: novos caminhos, diferentes possibilidades.

O conhecimento docente sobre o Programa Mais Educação refere-se aos saberes que as professoras possuem em relação ao Programa e como eles foram socializados na escola. Nesse sentido, elencamos o tateamento professoral sobre a organização do Programa, elemento que revelou que as professoras regentes não tiveram momentos planejados e sistematizados para conhecer o Programa Mais Educação da maneira que ele propõe:

[...] o trabalho do diretor também tece as relações interpessoais, promovendo a participação de todos os segmentos da escola nos processos de tomada de decisão, de previsão de estratégias para mediar conflitos e solucionar problemas. Cabe ao diretor promover o debate da Educação integral nas reuniões pedagógicas, de planejamento, de estudo, nos conselhos de classe, nos espaços do Conselho Escolar. (BRASIL, 2007, p. 16)

Constatamos essa ausência quando as professoras nos narram que as informações que possuem são decorrentes de conversas informais entre elas e a direção da escola. Evidenciamos o interesse das professoras em buscar informações sobre os acontecimentos do seu ambiente de trabalho. Portanto, as professoras estão construindo seus saberes sobre o Programa Mais Educação com as atividades vivenciadas no cotidiano da escola. Em razão da falta de um momento sistemático para a apresentação do Programa Mais Educação, em algumas vezes, as informações são equivocadas. Inferimos a necessidade de a gestão escolar pensar em formas de socialização das informações e da organização do Programa para um melhor acompanhamento e conhecimento das professoras em relação ao trabalho realizado com os estudantes nas oficinas que são oferecidas. Parece-nos que o Programa está à parte da escola. Compreendemos que essa proposta deve ser incluída e compreendida por todos os sujeitos envolvidos, ou seja, por toda a comunidade escolar.

Em relação às concepções docentes sobre o Programa Mais Educação, foi por meio das narrativas das professoras que evidenciamos o fortalecimento dele a partir da participação dos pais como um elemento importante, pois acreditamos que se eles estivessem mais presentes e motivassem seus filhos a participar, as crianças apresentariam maior frequência e o Programa se tornaria mais significativo. As professoras trazem nas suas narrativas questionamentos sobre a fadiga das crianças que permanecem dois turnos na escola, ou seja, a permanência da criança durante todo o dia no âmbito escolar e a forma como o tempo para o descanso está sendo gerenciado provocaram questionamentos sobre as condições para o desenvolvimento das propostas pedagógicas. Assim, novamente relevamos a importância da socialização das

informações sobre o Programa Mais Educação para que as professoras regentes possam compreendê-lo adequadamente e, assim, adotar em sua prática docente alternativas de continuidade, podendo, com isso, construir concepções mais sustentáveis e seguras do que aquelas que nos relataram.

A implicação das atividades vividas pelos alunos junto ao Programa Mais Educação é mais um elemento que nos ajuda a pensar sobre a repercussão das oficinas desenvolvidas pelo Programa na aprendizagem das crianças no turno de aula regular. Nesse sentido, observamos que as relações entre as experiências vividas no Programa Mais Educação e as vivenciadas na sala de aula existem ainda de forma tímida, quando algumas crianças fazem comentários sobre as oficinas e as atividades desenvolvidas. Dessa forma, torna-se relevante criar situações sistemáticas para que as professoras regentes tomem conhecimento sobre as vivências de seus estudantes e possam utilizar as atividades do Programa, especificamente no que se refere à Oficina de Letramento, como uma dinâmica potencializadora de aprendizagem no contexto de sua sala de aula.

E, por fim, evidenciamos por meio das narrativas das professoras regentes e das professoras monitoras que as contribuições do Programa Mais Educação para a comunidade escolar proporcionam o acolhimento das crianças em tempo integral na escola, oferecendo apoio pedagógico e um maior envolvimento no contexto escolar. O Programa tem como objetivo oferecer educação integral, a qual compreende o

direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária [...]. Por meio da Educação Integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens (BRASIL, 2007, p. 7 e 8).

Nesse caminho, uma das professoras monitoras da Oficina de Letramento acredita também em um incremento na formação pessoal e social, que proporciona novas possibilidades para estimular outras capacidades nas crianças.

Assim, inferimos que as concepções das professoras monitoras da Oficina de Letramento e das professoras regentes das turmas atendidas na oficina estão incoerentes com a proposta do Programa Mais Educação, pois suas narrativas demonstram a carência de informações e de conhecimento sobre o objetivo e a dinâmica do Programa na escola. Desse modo, é importante que sejam propostos momentos de socialização do trabalho realizado no Programa Mais Educação e que as professoras se envolvam nele para que possam compreender as contribuições desse trabalho para seus estudantes e para toda a comunidade escolar. O Programa Mais Educação faz parte do contexto da escola e precisa ser considerado dessa forma.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- BASSO, F. P. O papel da consciência fonológica no processo de construção da lectoescrita. In: BOLZAN, D. P. V. (Org.). *Leitura e escrita: ensaios sobre alfabetização*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- BOLZAN, D. P. V. (Org.). *Leitura e escrita: ensaios sobre alfabetização*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.
- BOLZAN, D. P. V.; SANTOS, E. A. G. dos; POWACZUK, A. C. H. Cultura escrita: aprender a ler e escrever na escola. *Revista Educação*. Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 97-110, jan./abr. 2013.
- BRASIL. *Programa Mais Educação: passo a passo*. Brasília: Ministério da Educação, 2007. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2013.
- BRASIL. Manual Operacional de Educação Integral. Brasília: Ministério da Educação, 2012. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16689&Itemid=1113](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16689&Itemid=1113)>. Acesso em: 25 dez. 2013.
- CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. Educação Integral – conceito. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/conceito/>>. Acesso em: 26 dez. 2013.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ISAIA, T. P. Interação grupal na construção da lectoescrita. In: *A interação grupal entre pares e a sua repercussão no processo de construção da lectoescrita*. Santa Maria, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.
- WELLER, W; PFAFF, N. (Orgs.). *Metodologia da pesquisa qualitativa em Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ZABALZA, M. Á. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

1 As informações aqui apresentadas sobre o Programa Mais Educação foram retiradas do documento Programa Mais Educação – Passo a Passo, disponibilizado via internet pelo Governo Federal. O documento está disponível em <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso\\_maiseducacao.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passoapasso_maiseducacao.pdf)>.

2 BOLZAN, D. P. V. O aluno professor do Curso de Pedagogia e a Alfabetização: construções pedagógicas e epistemológicas na formação profissional. Projeto de Pesquisa Interinstitucional e Integrado. GAP nº. 020117, FAPERGS – PPGE/CE/UFSM. 2002-2005.

\_\_\_\_\_. Atividades Diversificadas em sala de aula: compartilhando e reconstruindo saberes e fazeres sobre a leitura e a escrita. *Projeto de pesquisa interinstitucional e integrado*. GAP nº 13964, CE/UFSM, 2003-2007.

\_\_\_\_\_. Cultura Escrita: inovações metodológicas na escola. *Projeto de pesquisa e extensão*. GAP, PROLICEN, CE/UFSM 2009-2011.

\_\_\_\_\_. Cultura Escrita: Saberes e Fazeres em Construção. *Projeto de pesquisa e extensão*. GAP, PROLICEN, CE/UFMS 2012-2014.

3 A expressão “público-alvo”, utilizada neste trabalho, foi extraída do documento Programa Mais Educação – Passo a Passo. Público-alvo significa para quais crianças, adolescentes e jovens que o Programa Mais Educação é desenvolvido.

4 <sup>iii</sup> A educação é integral à medida que atenda a todas as dimensões do desenvolvimento humano, e se dá como processo ao longo de toda a vida. Assim, espaços, dinâmicas e sujeitos são objetos de aprendizagem e conhecimento (Ver <<http://educacaointegral.org.br/conceito/>>).